

# Experiências Significativas para a Educação a Distância 2

**Andreza Regina Lopes da Silva**  
(Organizadora)



**Andreza Regina Lopes da Silva**

(Organizadora)

**Experiências Significativas para a  
Educação a Distância  
2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E96 Experiências significativas para a educação à distância 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Andreza Regina Lopes da Silva. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Experiências Significativas para a Educação a Distância; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-258-6

DOI 10.22533/at.ed.586191504

1. Educação permanente. 2. Ensino à distância. 3. Internet na educação. 4. Tecnologia da informação. I. Silva, Andreza Regina Lopes da.

CDD 371.35

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Falar em educação a distância é falar em tecnologias de informação e comunicação. Mas recentemente é discutir, principalmente, à luz das tecnologias digitais que vem promovendo novas formas de entender e vivenciar o mundo atual. E é a partir desta reflexão que este volume 2, da obra *Experiências Significativas para a Educação a Distância*, foi organizado.

Inicialmente apresento o cenário que se reorganiza enquanto tempo e espaço, sob a ótica de uma vivência observado no Consórcio Cederj, em um curso de licenciatura de química e ainda no desenvolvimento de um projeto de iniciação científica. Um conjunto de exposição que constata a relevância de se conviver de modo descentralizado, com grande alcance espacial, formando redes de desenvolvimento. Este movimento se amplia e desafia novas práticas de produção de materiais didáticos e objetos de aprendizagem, agora disponíveis em vídeo, em aplicativo, utilizando redes sociais. Um conjunto de ações que tem sido trabalhado e aprimorado com vista a ampliar o engajamento dos alunos no seu processo de formação. E neste viés a avaliação também se beneficia das tecnologias disponíveis no ambiente virtual, incentivando possibilidades de formação que transcenda o quantitativo uma vez que são diferentes possibilidades, como destaca o artigo que discute as possibilidades e limites de recursos do Moodle.

Este cenário é expandido por estudos de casos que trazem a discussão e referencia prática que transcende a formação tradicional. Amplia-se em ações de treinamento e desenvolvimento também no ambiente corporativo, que vai apostar em *microlearning* e *gamificação* para solucionar e inovar a aprendizagem contextualizada a partir de situações problemas reais. Chega-se ainda a outros contextos de formação, como, o exemplo da abordagem pedagógica aplicada a aprendizagem da dança. É um mix de abordagens, onde fica claro que o importante é o desenvolvimento contínuo com resultados expressivos. Não se limita a modalidade ou a formalidade. Amplia-se de modo espiralado e ascendente sob o propósito de desenvolver pessoas, o recurso principal da sociedade contemporânea.

Esta discussão intersectada por novas práticas de se promover o ensino e a aprendizagem. Traz a reflexão sob a aplicação das metodologias ativas e sala de aula invertida, discutindo os seus benefícios qualitativos no processo de ensinar e aprender visando sustentabilidade neste processo de desenvolvimento onde: planejar, desenvolver, aplicar, avaliar e ajustar, são regras quando o assunto é criar elementos de aprendizagem significativos, ou seja, articulados com o contexto de desafio real do aluno. É uma ideia de aprendizagem significativa onde os conceitos são interpretados e executados sob a compressão de contexto do aluno o que tem se mostrado significativamente satisfatório como observou a pesquisa realizada na disciplina de lógica de programação integrada a esta obra.

A partir destes princípios, infere-se que a EaD tem se expandido a passos largos

no Brasil e sendo reconhecida também como uma educação acessível a muitos. Com debates que a desafiam ser uma modalidade que inclui socialmente as pessoas com deficiência nas mais diversas atividades da vida diária. Uma discussão que incorpora cenários de aceitação e respeito a diversidade e se beneficia das diversas soluções tecnológicas já disponíveis para atender a públicos com deficiência, como baixa visão ou cegueira. Mas não para por aí. Esta discussão é elucidada pela prática da Universidade de Taubaté, que tem ações voltadas a atender estudantes com necessidades educacionais especiais, com foco na deficiência sensorial. O cenário chama atenção ainda para a necessidade de se pensar em acessibilidade a partir das possibilidades de uso do ambiente virtual a partir dos dispositivos móveis, é o conceito de responsividade chamando atenção para que o conteúdo seja planejado para ser acessível de qualquer dispositivo, seja ele mobile ou não, a qualquer pessoa, com ou sem deficiência.

Entende-se que as tecnologias digitais tem inferência direta e significativa no processo de ensinar e aprender. Na sociedade do conhecimento, baseada numa economia que movimenta-se por valores que transcendem ao material. Toda esta mudança exige reflexões que instigam novas práticas no âmbito social e econômico. É diante de toda contribuição da EaD, seu crescimento sólido e suas infinitas possibilidades, que fechamos a organização desta obra convidando você a conhecer mais dois cases de sucesso: um primeiro que relata um projeto de extensão universitária que versa sobre Startups; e um segundo que apresenta os agentes e artefatos tecnológicos utilizados para uma formação significativa a partir dos objetivos didáticos específicos.

A partir de cenários práticos, com base na riqueza de cases compartilhados nesta obra, é possível reconhecer a EaD como uma oportunidade presente e futura do fazer pedagógico que se beneficia dos diferentes recursos tecnológicos digitais. E, frente a este cenário de possibilidades ilimitadas é fundamental que instituições, corpo discente e docente estejam preparados para aproveitar todo o conjunto de facilidades que as tecnologias digitais oferecem. Além disso, acredita-se ser necessário e urgente o desenvolvimento de um plano de políticas públicas que trabalhe a formação continuada de professores que nem sempre é preparado para uma atuação integrada de saberes técnicos e tecnológicos.

Boa leitura.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A REORGANIZAÇÃO ESPACIAL E O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EAD: UM ESTUDO SOBRE O CONSÓRCIO CEDERJ	
Eduardo Pimentel Menezes Adilson Tadeu Basquerote Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: FERRAMENTAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO E ARTICULAÇÃO DE UM PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Indiara Beltrame Alexander Luis Montini Ariane Maria Machado de Oliveira Hallynnee Héllenn Pires Rossetto Helenara Regina Sampaio Figueiredo Ivan Ferreira de Campos Leuter Duarte Cardoso Junior Mariana da Silva Nogueira Ribeiro Renata Karoline Fernandes Vânia de Almeida Silva Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES CRÍTICOS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA EAD	
Ana Elisa Pillon Herley Cesar Reinert Tais Sandri Avila	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA APOIO AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GOTEJAMENTO DE SORO E CÁLCULO/DILUIÇÃO DE MEDICAMENTOS	
Lucas da Cunha Alves Gabriel Bocato Ferreira Alex Di Vennet Xicatto Gabriela Barbosa Pegoraro Silvia Sidnéia da Silva Edilson Carlos Caritá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
A FERRAMENTA VÍDEO PARA A EAD A GRAVAÇÃO DE AULA PARA O FORMATO EM EAD	
Eliziane Jacqueline dos Santos Marina Mariko Adatti Hardt Robson Paz Vieira Alonso Thuler de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915045</b>	

<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>65</b>
AS VIDEOAULAS NO CONSÓRCIO CEDERJ: MÉTRICAS DE AUDIÊNCIA E SUBGÊNEROS	
Filipe Moura Cravo Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915046</b>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>77</b>
O USO DO ARTEFATO TECNOLÓGICO SKYPE COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS INTERDISCIPLINARES DO EMITEC/BA	
Maria de Fatima Ferreira Lopes	
Fonseca Marcia Maria Vieira da Silva	
Letícia Machado dos Santos	
Silvana de Oliveira Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915047</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>85</b>
APLICATIVO PARA APOIO AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA TAXONOMIA <i>NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION</i> (NANDA)	
Anicésia Cecília Gotardi Ludovino	
Leonardo Feriato Moreira	
Sílvia Sidnéia da Silva	
Edilson Carlos Caritá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915048</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>94</b>
A GAMIFICAÇÃO COMO SOLUÇÃO PARA O ENGAJAMENTO - UM ESTUDO DE CASO	
Marilene Santana dos Santos Garcia	
Leonardo Honório dos Santos	
Luisa Dalla Costa	
Joice Martins Diaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5861915049</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>110</b>
ATIVIDADES AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES E LIMITES DOS RECURSOS NO MOODLE	
Jeniffer de Souza Faria	
Josimary de Oliveira Pinto	
Rosana Salles Raymundo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150410</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>118</b>
INOVANDO A EDUCAÇÃO CORPORATIVA COM <i>MICROLEARNING</i> E GAMIFICAÇÃO	
Marcelle Minho	
Thaís Araújo Soares	
Igor Nogueira Oliveira Dantas	
Victor Cayres	
Sergio Eduardo Cristofolletti	
Ricardo Santos Lima	
Luis alberto Breda Mascarenhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150411</b>	

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
DANÇA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA APRENDIZAGEM MEDIADA PELA FORMATAÇÃO DA DANÇA NO AMBIENTE DIGITAL	
Everson Luiz Oliveira Motta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
METODOLOGIA ATIVA: A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EAD	
Ivana Maria Saes Busato	
Izabelle Cristina Garcia Rodrigues	
Ivana de França Garcia	
Vera Lucia Pereira dos Santos	
João Luiz Coelho Ribas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>150</b>
METODOLOGIAS ATIVAS: FLIPPED CLASSROOM NA FORMAÇÃO BÁSICA	
Renato Marcelo Resgala Júnior	
Ludmilla Carvalho Rangel Resgala	
André Raeli Gomes	
Luiz Gustavo Xavier Borges	
Carolina de Freitas do Carmo	
Fabiana Pereira Costa Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
UM MODELO DE SALA DE AULA INVERTIDA APLICADO NA DISCIPLINA DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
Alicia Margarita Sosa Mérola Muller Lopes	
Danilo Santiago Gomes Valentim	
Valéria Ribeiro Collato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
UTILIZAÇÃO INTENSIVA DE TECNOLOGIAS E AVALIAÇÕES FORMATIVAS PARA OPERACIONALIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS	
Dilermando Piva Jr.	
Angelo Luiz Cortelazzo	
Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
MINERAÇÃO DE DADOS: A TEMÁTICA “ACESSIBILIDADE” COMO PAUTA EM ANÁLISE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Rita de Cássia dos Santos Nunes	
Lisboa Marcia Maria Pereira Rendeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150417</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>181</b>
ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES TECNOLÓGICAS PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA	
Luciane Maria Molina Barbosa Jeniffer de Souza Faria Eliana de Cássia Salgado Mariana Aranha de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>189</b>
RESULTADOS DO USO DE REA EM CURSO SOBRE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	
Édison Trombeta de Oliveira Nádia Rubio Pirillo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>199</b>
PROJETO DE EXTENSÃO NA MODALIDADE EAD: “STARTUPS: FERRAMENTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS INOVADORES COM O USO DE TECNOLOGIAS”	
Juliane Regina Bettin Santana Grace Kelly Novais Botelho Fernando Alves Negrão Dorival Magro Junior Marcio Ronald Sella Bruno Cezar Scaramuzza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
CENTRAL DE TUTORIA E MONITORIA: UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA EM EAD COM EXCELÊNCIA NO ATENDIMENTO AO ALUNO	
Fernanda Cristina da Silva Ana Paula Gutierrez Rafaela Carvalho de Oliveira Sérgio Guardiano Lima Simone Soares Haas Carminatti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>220</b>
ARQUÉTIPO PARA USO DO FACEBOOK COMO AMBIENTE DE APOIO AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	
Mariana Rodrigues Lima Edilson Carlos Caritá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.58619150422</b>	

**CAPÍTULO 23 ..... 229**

A CONTRIBUIÇÃO DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA  
A AUTOFORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Giovana Cristiane Dorox

Daniele Saheb

**DOI 10.22533/at.ed.58619150423**

**CAPÍTULO 24 ..... 245**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ERA DIGITAL À LUZ DA DIMENSÃO  
PESSOAL PELA VIA DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

Edna Liz Prigol

Elisângela Gonçalves Branco Gusi

**DOI 10.22533/at.ed.58619150424**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 259**

## A FERRAMENTA VÍDEO PARA A EAD A GRAVAÇÃO DE AULA PARA O FORMATO EM EAD

**Eliziane Jacqueline dos Santos**

**Marina Mariko Adatti Hardt**

**Robson Paz Vieira**

**Alonso Thuler de Souza**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior da Universidade Braz Cubas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior.

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo, abordar as gravações de vídeos utilizados na plataforma para levar conhecimento ao estudante. Vejo que no processo desenvolvido, encontro vários problemas referentes à nomenclatura tele aula, processo utilizado por uma universidade na cidade de Mogi das Cruzes. A forma como vou analisar a questão, será abordada por meio de análise do processo desde a produção do conteúdo até a entrega final e a utilização de leitura bibliográfica com referências entre artigos e leituras específicas da área de comunicação. Entretanto é preciso analisar a EaD, os materiais elaborados como referência e modelo e o vídeo que é oferecido pela Instituição de Ensino é que o alvo escolhido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação à distância,

material educativo, vídeo, tele aula, vídeo aula

**ABSTRACT:** This paper aims to address the recordings videos used on the platform to bring knowledge to the student. I see that in the process developed against a number of problems related to teleaula nomenclature, the process used by a university in the city of Mogi das Cruzes. The way I will consider the matter, will be addressed by analyzing the process from the production of content to final delivery and use of bibliographic reading with references between articles and specific readings of the communication area. However you need to analyze the DL, the materials developed as a reference and model and the video that is offered by the Educational Institution is the chosen target.

**KEYWORDS:** Distance education, educational materials, video, teleaula, vídeoaula

### INTRODUÇÃO

Que a Educação à Distância chegou a todos os cantos e em todos os níveis da educação no Brasil, isso já sabemos. Falta agora aprimorar os processos educacionais e pedagógicos para procurar oferecer sempre algo mais educativo e inovador na questão da construção do conhecimento do estudante. As instituições de ensino que visam qualidade de

forma intrínseca perceberam que com o amadurecimento dos órgãos que regulamentam o ensino e uma aceitação de um público que busca essa modalidade de educação, fornecem materiais cada vez mais oportunos e atraentes com as novas possibilidades de tecnologia de informação e as chamadas ferramentas digitais.

Sendo assim, é de extrema importância os profissionais que planejam os materiais utilizados pelo professor, precisam ser capacitados e dominar as ferramentas para criar conteúdos diferentes e inovadores. Deste modo, além de uma equipe com profissionais qualificados e condições técnicas plenas, a tendência é que a produção audiovisual seja eficiente e de boa qualidade. Para isso, é fundamental que o professor, elemento mais importante nesta concepção, também deve ser preparado e entender como funciona todo o processo desde a elaboração do material até a entrega dos trabalhos na plataforma que é disponibilizada ao aluno.

No caso deste pesquisador, vou estudar o conteúdo audiovisual oferecido por uma universidade na cidade de Mogi das Cruzes, cidade situada a 50 quilômetros da capital paulista região metropolitana de São Paulo. Na minha visão, percebo que falta uma estrutura melhor e mais adequada na produção das aulas oferecidas por meio dos vídeos disponibilizados na plataforma. A composição do vídeo deixa a desejar no sentido de que a produção esbarra em vários fatores até o término do processo. Pra mim, o vídeo precisa ser atraente visualmente, deve atingir o seu objetivo, levar a informação clara, coerente e concisa, e de forma que possa ser agregada aos outros materiais disponíveis e não com o mesmo conteúdo, para não se tornar repetitivo. Uma vez que o professor utiliza o livro didático, a mensagem no vídeo deve ser pertinente ao assunto, porém não igual.

Se tratando de vídeo é importante entender que a captação é feito por lentes de câmeras que registram a imagem que será gravada. Na parte histórica a fotografia e o cinema são importantes para entendermos o processo que levou a EaD a utilizar os vídeos. Neste caso, surgem nomenclaturas como tele aula, videoaula e web aula. Vamos analisar cada uma delas e ver qual o melhor formato para ser utilizado por essa universidade. Assim, o estudo irá nos levar a contextualizações voltadas para o conhecimento da linguagem adotada, os formatos de gravação e o meio de mensagem como processo cognitivo.

Portanto, vamos entender alguns formatos de gravação que sejam mais adequados pra essa produção visual. Vamos analisar também o papel dos profissionais envolvidos com a produção das aulas por meio dos vídeos, e por fim, verificar o papel do professor na construção e o entendimento dele com essa ferramenta que para ele, é um bicho de sete cabeças.

O objetivo do trabalho é oferecer ao aluno uma questão visual mais apropriada ao curso cujo escolheu. Vejo que muitas das aulas gravadas na instituição são fundamentadas na participação do professor e o uso de uma lousa digital onde são colocados os slides que são manipulados pelo professor.

A explicação toda se da por essa dinâmica utilizando ainda câmeras de

vídeo. Depois da gravação, posteriormente, as aulas são editadas, certificadas por profissionais da área de comunicação e validadas por coordenadores de curso para aí sim, ser ofertada ao estudante dentro da plataforma. Acredita-se que essa aula pode ser mais prática, ou levar o professor para mais próximo do mercado de trabalho, com aulas externas. Ou em outro momento utilizar de animações e ilustrações para deixar a aula muito mais agradável, já que vamos ver que vários autores vão citar que televisão é imagem. E que uma imagem vale mais do que mil palavras.

## DESENVOLVIMENTO

De acordo como os Referenciais de Qualidade para Educação Superior à Distância (2015), “não há um modelo único de educação à distância”. E sendo que o próprio órgão que regulamenta o serviço não elabora um modelo prático para que todos possam usar como referências, cada instituição elabora o próprio projeto pedagógico, dentre, do que apenas o MEC, órgão que regulamenta o ensino no Brasil apenas exige.

Esses Referenciais de Qualidade circunscrevem-se no ordenamento legal vigente em complemento às determinações específicas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do Decreto 5.622, de 20 de dezembro de 2005, do Decreto 5.773 de junho de 2006 e das Portarias Normativas 1 e 2, de 11 de janeiro de 2007. Embora seja um documento que não tem força de lei, ele será um referencial norteador para subsidiar atos legais do poder público no que se referem aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade citada. (REFERENCIAIS DE QUALIDADE PARA EDUCAÇÃO SUPERIOR À DISTÂNCIA)

Sendo assim, podemos destacar que quando uma instituição de ensino inicia um projeto pedagógico para ofertar cursos a distância, ela organiza todos os documentos que são exigidos pela SEED - Secretaria de Educação à Distância, e elabora todo o planejamento educacional. Esse planejamento deve constar normas e procedimentos regulatórios que irão servir de base para a elaboração de todo projeto pedagógico para a criação de cursos e por fim, a sua destinação.

Vale lembrar que além de toda a documentação necessária, é preciso atender uma série de exigências para a manutenção destes cursos ofertados. São considerados elementos fundamentais:

- 1) Concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem;
- 2) Sistemas de Comunicação;
- 3) Material didático;
- 4) Avaliação;
- 5) Equipe multidisciplinar;
- 6) Infraestrutura de apoio;
- 7) Gestão Acadêmico-Administrativa;
- 8) Sustentabilidade financeira.

Portanto, com essa elaboração minuciosa e bem detalhada, se dá o início do processo pedagógico para criação de um curso que será oferecido à distância, muito embora, não bastam apenas procedimentos administrativos para ofertar um curso. Os diversos modelos adotados por diversas instituições de ensino devem ser agregados as reais necessidades dos alunos até a região onde a instituição está instalada. Afinal, de que adianta um curso de Agricultura, por exemplo, numa localidade situada em meio às indústrias. Assim, identifica-se a necessidade coerente com as exigências legais. (JÚNIOR, 2015)

Em sua construção, o primeiro passo consiste em abstrair da realidade aquelas variáveis consideradas fundamentais, as quais, em sua complexidade, com suas inter-relações e conexões, passam a integrar o modelo; e este é tanto mais satisfatório quanto maior sua capacidade de interpretar fielmente os fatos, inclusive antecipar fenômenos ainda não observados (COSTA, 2007, p.10)

Para o autor, o modelo embora ele seja um mero modelo, é a sua forma de ensino que irá influenciar o aluno. Assim, os vários atos dos processos é que vão permitir ao estudante que consiga absolver os conteúdos do processo e na construção do conhecimento durante o aprendizado.

Contudo, o aluno que estuda à distância, estuda sozinho. Muito embora, a instituição com o devido planejamento, sustenta o estudante com as atividades e ferramentas por meio de plataformas educacionais, e com o auxílio de tutores, que tem o papel principal de estimular e incentivar a participação do estudante no processo educacional, o aluno, que não tiver um caminho nesta jornada pode se perder e pôr tudo por água a baixo.

Por estas razões, a modalidade a distância permite que o estudante tenha flexibilidade de horário. E por este motivo, precisa estar bem organizado para não perder as tarefas, trabalhos e avaliações. Para ser bem sucedido, é preciso ter disciplina, foco e atenção redobrada. Diferentemente do habitual ensino presencial que o professor está ali na hora para tirar uma dúvida, o ensino à distância, muitas vezes, o aluno precisa até mesmo correr com outras oportunidades para entender o que está sendo estudado.

Para o aluno distante, que experimenta sua primeira aula longe do professor, interessa pouco a maneira como imagens e sons estão chegando, e menos ainda as profundas teorias pedagógicas ou metodológicas que antecederam a transmissão ou a sessão privada do material entregue pelo curso. Ele quer assistir a uma boa aula, que lhe sirva de base para um processo de verdadeiro aprendizado. Ele quer ser seduzido pela informação, quer ser instigado a aventurar-se no mundo do conhecimento, e não ser conduzido pela mão a uma longa e tediosa jornada de imagens e sons tão sedutores quanto um pote de geleia. (GERBASE, 2006, p.2)

Neste contexto, percebe-se que o material oferecido pela universidade deixa a desejar em alguns momentos. Dentre os 16 cursos ofertados pela instituição estudada, temos desde área de exatas e humanas. Os cursos com cada processo pedagógico em

particular, disponibiliza diversas as disciplinas e metodologias, como eventos ligados à área, semana acadêmica, entre outros. Existem aulas que o professor leva para o estúdio, slides carregados de texto. Muitas vezes, esses textos já são abordados no material didático, como o livro por exemplo. Na minha concepção, as aulas precisam sim ser fundamentadas e utilizar slides, porém de maneira que o vídeo seja muito mais atraente visualmente do que apenas uma aula com slides. O vídeo precisa ser dinâmico.

Busca de aulas mais produzidas, com mais recursos de apoio (entrevistas, vídeos, animações, jogos). O modelo professor falando com apoio do PowerPoint está desgastado. Há uma valorização de maior participação dos alunos, de estabelecer vínculos com os pólos, de quebrar a aula com algumas atividades de discussão ou problematização intercaladas. (MORAN, 2009, p. 58)

De acordo com Chaves (1999), no estudo sobre Tecnologia na Educação: Conceitos Básicos, “teleducação” tem que ver, necessariamente, com educação via imagens e não com educação via palavras ou via textos.

Teleducação, no sentido original e etimológico da expressão, pode ser perfeitamente bem realizada através de palavras (pelo rádio, por exemplo) ou por textos impressos (pelo computador), nada havendo na expressão que forçosamente inclua referência a imagens – a não ser para os desavisados, que associam o “tele” da expressão “televisão” e não a “distância” (CHAVES, 1999, p. 3)

O pesquisador que também é jornalista e trabalha em televisão, analisa que o método adotado na instituição não é errado ou correto. Apenas crê que o formato utilizado em alguns momentos não é um dos mais apropriados. Em alguns momentos a aula pode ser sim mais dinâmica. Em certos casos, quando o professor faz alguma explanação a respeito, por exemplo, do meio ambiente, a tele aula poderia ser muito bem gravada em alguma externa, principalmente abordando o tema sobre poluição.

Neste caso, uma fábrica que polui a atmosfera, ou um rio que está degradado ou até mesmo, uma via pública tomada pelo despejo incorreto de resíduos sólidos. É claro, que ao se tratar de alguma lei específica na área do Direito, a missão é muito mais difícil de mostrar visualmente, mas o que quero dizer, é que existem casos e casos, e não podemos só aplicar o mesmo molde para todas as disciplinas quando há a necessidade de transformação.

De acordo com um estudo do Kuadro (2014) mostrou que 70% dos estudantes optam por videoaula mais curtas e a grande maioria com exemplos práticos. Portanto, não é apenas a opinião deste pesquisador, mas sim de uma grande parcela de estudantes que também acreditam na mesma ideia.

No entanto, para chegar à produção de uma aula gravada com o professor dentro do estúdio, há um grande caminho, tanto para o professor, quanto para o grupo acadêmico e até os profissionais do estúdio. Muito embora, para se preparar

uma aula, a instituição precisa se dispor de investimentos. Tendo em vista, que pra manter um estúdio de TV, é necessário um gasto generoso para adquirir e manter os equipamentos sempre atualizados e que proporcionem novas tecnologias e novos moldes para agregar um visual muito mais atraente ao vídeo.

Há instituições no ensino superior cujo projeto pedagógico foca mais a produção audiovisual e impressa pronta, não ao vivo. Produzem as aulas dentro do estúdio, com mais ou menos profissionalismo (MORAN, 2009). Já outras universidades que adquirem materiais prontos de empresas que organizam o conteúdo educacional e só retransmitem aos alunos. Por outro lado, existem instituições de ensino, que abraçam a causa e não se negam ao investir. Isso acontece, principalmente com as aulas transmitidas ao vivo por rede via satélite, e isso custa muito caro.

Na universidade estudada, o material todo é produzido por uma equipe diferencial, embora muito pequena, mas que desenvolve todo o conteúdo pedagógico, desde a entrega dos trabalhos do professor, que obtém auxílio de um grupo acadêmico e com o respaldo do coordenador de curso, até a diagramação e impressão do livro, a rota e plataforma de ensino, as gravações das tele aulas e na tutoria à distância de pessoas qualificadas para auxiliar o aluno durante a jornada de estudo.

No caso da tele aula, o professor depois de conversar com o pessoal do grupo acadêmico que o orienta na elaboração de todos os materiais, é convidado a ir ao estúdio para conhecer as acomodações e depois num agendamento prévio, o mesmo é instruído a como se portar dentro do estúdio, numa espécie de aula teste, onde ele irá conhecer todos os procedimentos de gravação.

Isso inclui ainda as vestimentas do professor, o modo como se portar diante da câmera, como falar e se dirigir aos alunos, as nomenclaturas que ele irá adotar durante o período de gravação. E o mais importante, é conversado com ele todas as ferramentas e condições que a equipe técnica do estúdio pode oferecer para ajudar no desenvolver dos trabalhos.

Muito embora exista todo esse processo, é comum o uso do slide numa lousa digital, onde o professor manipula o material escrito e o auxílio de câmeras dentro do estúdio que gravam as ações do professor. E é esse o modelo habitual que deveria ser mudado, pois em todas as disciplinas e em todos os cursos, o modelo é o mesmo, o que o torna chato e cansativo para todos os envolvidos, inclusive ao aluno.

É possível aprender a distância de várias formas. No Brasil, estamos ainda numa fase de mudanças profundas na educação à distância, pela evolução rápida das tecnologias em rede, das tecnologias móveis e pela necessidade de incluir o maior número de alunos possível no ensino técnico e no superior. Num país com tantas necessidades e diversidade, é importante poder ter projetos consistentes com propostas diferentes, que sejam bem acompanhados e avaliados. (MORAN, 2009, p. 64)

Portanto, é preciso que a instituição que está sendo analisada pense e remodele o projeto pedagógico. Principalmente na questão técnicas dos materiais pedagógicos,

a fim de deixá-los mais atraentes e dinâmicos para que o aluno no processo da construção do conhecimento dele, ele não deixe de ver a aula, o que torna o material dispensável.

EaD de qualidade é aquela que ajuda o aluno a aprender igual ao presencial. Não se mede isso pelo número de alunos envolvidos, mas pela seriedade e coerência do projeto pedagógico, pela qualidade dos gestores, educadores e mediadores, sejam tutores ou qualquer palavra que se use. (MORAN, 2009, p. 55)

Neste contexto, a universidade em estudo precisa atender melhor o seu cliente. O aluno não precisa enxergar os problemas de infraestrutura, contas e de falta de pessoal. Em muitas vezes a falta de planejamento é o principal problema enfrentado pelos funcionários que precisam desenvolver todo o material. A questão do tempo é primordial para que o trabalho seja bem feito. Em muitas vezes, o professor chega para gravar e aula já precisa estar pronta, pois, na semana seguinte a disciplina já começa a ser aplicada.

Pela análise geral, pode-se concluir que há um longo caminho a ser percorrido e alguns desafios a serem vencidos: percebe-se que um número significativo de docentes ainda não dispõe das competências desenvolvidas nessa área. É correto afirmar que o processo comunicacional está tão alicerçado na aula presencial e seus métodos que muitos professores avaliam com certa descrença a utilização de tecnologia da informação e comunicação (TIC). Em outros casos, não há o mínimo de planejamento das aulas, o que resulta na forma inadequada da utilização de vídeos, como: tapa-buracos, enrolação, deslumbramento, entre outros. (SILVA, 2011, p. 2)

Sendo assim, é importante que o tempo seja hábil para a produção da disciplina. Leva-se tempo para que o professor também consiga absolver o que é preparado para ele no estúdio. Não se prepara um professor que é acostumado com a aula presencial para gravar no estúdio uma aula à distância. Existe todo um protocolo a ser seguido. Se o professor não for preparado, toda a insegurança dele com a falta de experiência em enfrentar uma câmera serão passadas no vídeo e o aluno conseguirá enxergar e não vai poupar as críticas. E o professor será o culpado, pois ele é o primeiro aparato do estudante. Portanto, é evidente que o professor precisa de um curso de capacitação e treinamento.

O medo da câmera e sua conseqüentemente inibição é a barreira mais difícil a ser vencida. Poucos ficam à vontade diante daquela lente, que é na verdade o olho do aluno que ninguém vê, que não dá alento, muito menos o *feedback* tão necessário para saber se a aula está ou não atraindo a atenção, se está sendo ou não motivadora, ou se há compreensão ou dúvidas referentes ao conteúdo. (SILVA, 2011, p. 4)

Além da capacitação do professor como vídeo, é preciso explicar a ele, a questão de envolver a pedagogia nos envoltórios audiovisual. Ou seja, o professor sabe que ao ministrar a aula, não tem referência ou base com as noções de gravação

e edição de um vídeo. Assim, o professor apenas irá usar a sua fala e provavelmente uma apresentação em PowerPoint. É preciso dialogar com o professor e oferecer os diversos modelos que a arte e o videografismo podem fazer para dinamizar o vídeo.

O uso do slide, como já foi mencionado, está ultrapassado, mas deve ser usado de forma apropriada tendo em vista que muitos materiais o professor precisará do instrumento para explicar uma lei, uma citação, uma ideia ou até mesmo ajudar no contexto da aula. Pode-se dizer ao professor que existem outros métodos que vão ilustrar ainda mais o vídeo que está sendo gravado. Por exemplo, existe a opção da tarja.

Nesta tarja, são inseridas outras informações pertinentes durante a gravação. O professor pode também pedir pra que algumas ilustrações do tipo artes visuais. Essa ilustração pode ser animada ou estática. Ou até mesmo infográficos que sustentam o que vem sendo dito. Essas cenas, animações, ilustrações são desenvolvidas geralmente pelo ilustrador ou videografista, técnicos da área de designer que ajudar a criar elementos para enriquecer o vídeo. Sem falar que existem bancos de imagens disponíveis para uso ou até mesmo sites de download grátis e figuras ou imagens de domínio público que podem ser usados. Caso contrário, uma imagem usada de forma errada pode trazer complicações para o uso delas. Nestes casos, existem embargos e taxas para serem pagas diante do uso de direito de imagens.

O vídeo pode ser usado para exemplificar diversas situações porque -consegue mostrar uma sequência de ações, closes, movimentos acelerados, perspectivas múltiplas! (MOORE; KEARSLEY, 2007). Porém, para que sua utilização seja eficaz e efetiva, é necessária a mediação pedagógica, capacitada e propensa a compartilhar conhecimentos e que estabeleça contextos interativos, de acordo com o público-alvo. (SILVA, 2011, p. 3)

Ao analisar os objetos em estudo, as aulas gravadas no estúdio. Percebe-se que também em alguns casos, tanto professores, como os responsáveis pela concepção pedagógica não dominam a ferramenta usada. É importante que todos conheçam o processo de criação de conteúdo e os recursos que a ferramenta oferece e também as suas limitações. Nem sempre o estúdio de TV terá condições de desenvolver uma arte muito elaborada, porque vamos esbarrar na falta de questões técnicas do estúdio. Em outros casos, até mesmo os profissionais também deixam a desejar neste sentido.

A falta de criatividade é o maior problema. Para se pensar na forma e no conteúdo, o momento da criação do vídeo é um dos mais importantes. O saber e o como será feito são primordiais na hora de pôr em prática a conversa entre profissionais especialistas, professores e grupo acadêmico. Um bom roteiro pode ajudar neste sentido, embora, o professor na hora de gravar não pode ficar preso ao roteiro, pois senão a aula ficará engessada. Será nítido que o professor estará na frente da câmera lendo o texto que passa correndo na frente dele. O uso correto do vídeo irá resultar num vídeo muito mais atraente e agradável.

Outras formas de atualização, de troca de conteúdo e de ideias, com sugestões de melhoria no ambiente de trabalho e/ou críticas são as reuniões regulares com docentes, equipe técnica e de produção, e a aplicação de pesquisas de satisfação com os envolvidos no processo de produção da tele aula. Esse conjunto de ações, além de integrar as partes, faz com que todos participem do crescimento e da evolução da tele aula, garantindo a qualidade e o contentamento de todos. (SILVA, 2011, p. 6)

A conversa entre todos os envolvidos é fundamental para que todos no processo consigam desenvolver as atribuições e ajudarem o professor neste grande desafio que é pra ele. Na questão do vídeo, é de extrema importância que o professor esteja bem preparado, assim, a aula irá fluir, o vídeo terá uma boa qualidade e melhor que isso, alunos interessados, atraídos e envolvidos com o processo do ensino-aprendizagem.

Duas linguagens diferentes não podem ser tratadas como se fossem a mesma. A analogia é óbvia: uma aula à distância não é uma aula presencial. Simplesmente adotar os procedimentos habituais de sala de aula, conforme fez o Professor X, é o caminho mais curto para o desastre pedagógico. (GERBASE, 2006, p.2.)

É sabido que a EaD vem de um longo caminho utilizando-se em cada época os seus meios de comunicação. Antigamente os cursos eram realizados por carta, posteriormente a educação à distância começou a ser difundida pelo rádio e com o advento da televisão, surgiram os “tele” cursos que já conhecemos ou já ouvimos falar. Agora, diante da tecnologia cada vez mais aperfeiçoada, toda essa receita de bolo acima, foi colocada dentro de uma grande vasilha que é a internet.

É pelo computador, tablet ou celular que acessamos conteúdos espalhados por todos os cantos do mundo. Com um simples clique, podemos por visitar um grande museu da Europa, uma atração turística nos EUA, ou um parque aqui mesmo perto da gente, sem ao menos a gente se dirigir ao local. Toda essa dinâmica só é permitida porque conseguimos ver por meio da tela o fascínio que a imagem fiel é retratada pra gente por meio das lentes das câmeras. Se tratando de imagens, temos as fotografias, temos o cinema e por fim a televisão.

A televisão é algo fascinante que nos cativa, que prende a nossa atenção, que muitas vezes, nos deixamos ser dominados por ela. Televisão ligada à publicidade nos faz querer ser gastadores compulsivos. Nos emotiva com o final feliz das novelas, faz-nos rir com os programas de entretenimento e quando menos esperamos, estamos vibrando com outros tantos torcedores espalhados no grito do gol.

Jornalisticamente falando, a TV mostra um fato, noticia um assunto e logo vira notícia. Para Paternostro (1994), a TV surge como uma arma poderosa e (por que não) infalível: a imagem da notícia – a informação visual. A televisão é imagem. É preciso entender que um vídeo, seja ele qual for, no nosso caso, as aulas gravadas para a EaD, também são imagens e neste sentido o envolvimento é maior, pois a TV consegue nos transportar para dentro da mensagem.

O mundo onipresente através de uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita por parte do receptor. A TV mostra e o telespectador vê. Unindo mensagem visual à mensagem auditiva, o telespectador tem maior possibilidade de receber conhecimento. (PATERNOSTRO, 1994, p. 36)

Quando se pensa em televisão logo imaginamos a imagem. A imagem é um termo que provem do latim *imago* e que se refere à figura, representação, semelhança ou aparência de algo. Em senso comum, envolve tanto o conceito de imagem adquirida como a gerada pelo ser humano, em muitos domínios, quer na criação pela arte, quer como simples registro foto-mecânica, na pintura, no desenho na gravura, em qualquer forma visual de expressão da ideia.

Muitas são as experiências do uso da imagem em movimento com finalidade educativa. No entanto é importante considerar que muitas dessas vivências optam por formatos ainda muito referenciados na dinâmica expositiva da aula presencial, e não levam em conta as características intrínsecas da narrativa audiovisual. É necessário também levar em conta a familiaridade dos alunos de EaD com produções televisivas e cinematográficas, o que implica numa noção, ainda que superficial, sobre alguns elementos constitutivos da gramática audiovisual. (CAVALCANTE, PONTES e RÉGO, 2009)

Para isso, devemos levar em conta algumas objeções referentes ao que é proposto e com o que é ofertado. A universidade em estudo, iniciou a EaD em 2007. No início essas aulas eram produzidas por uma empresa especializada que transmitia as aulas por meio de transmissão via satélite como data e hora pra começar. Essas aulas tinham professores ao vivo que explicavam a disciplina, e tinha ainda a participação do aluno que podia fazer uma pergunta por meio do chat e que era respondida na hora.

Essas aulas ainda tinham a duração de 4 horas e o aluno precisava comparecer na sala para assistir ao vídeo do professor. Devido ao alto investimento e na capacidade de gerar o próprio material, ao fim do contrato, as aulas passaram a serem produzidas com a equipe que foi concebida para realizar tais tarefas, desde a produção, gravação, edição e entrega final destas aulas na plataforma.

No primeiro momento, foi utilizada uma produtora de vídeos que locava o estúdio, equipe, e equipamentos para as gravações das tele aulas. Essas tele aulas tinham duração de 45 minutos, eram cinco aulas por disciplina e que era composta pelo professor com o auxílio de duas câmeras e o uso de uma lousa digital. Por fim, depois de todo o trabalho pronto, esse material era assistido por um certificador especialista que examinava e aprovava o material que posteriormente era disponibilizado ao aluno já pela plataforma.

Recentemente, a universidade migrou-se para as próprias dependências, a fim de baratear o custo com a produção e hoje realiza toda a prática operacional usando equipe e infraestrutura próprias. No mais a tele aula seguia com os mesmos moldes. O vídeo com professor, o uso de duas câmeras e o recurso da lousa digital. Para dinamizar essa tele aula, existem quadros como dica de leitura, com o assunto que

será abordado e quiz. Abordando o tema tratado dentro de quatro unidades referentes ao estudo que o aluno tem. Hoje já foi mudado isso e o termo tele aula já não deve ser mais empregado, tendo em vista, o novo procedimento adotado pelo grupo acadêmico.

As videoaulas são divididas em pequenos trechos de no máximo 15 minutos, ainda dentro da unidade, essas videoaulas ganharam também uma nova formatação, com menos quadros e em algumas delas, experiências foram adotadas, em outras, gravações externas tudo para dinamizar o material e deixar a videoaula mais agradável e interessante ao aluno para que ele realmente assista ao material que lhe é fornecido.

Novos aparatos técnicos, tais como videocassete, computador, mídias digitais, TV digital, multimídia e internet, retomam toda a teoria desenvolvida para o cinema tradicional e a televisão, e exigem um novo entendimento de suas particularidades. Videoaulas, audioconferências, teleconferências, animações interativas de auto-instrução e conteúdos multimídias em geral devem ser pensados tanto pelas teorias da linguagem audiovisual quanto pela ótica pedagógica-educacional. (MONTANARO, 2013, p.18).

Pode-se dizer que a videoaula ajuda e sim no aprendizado. Se adicionarmos o visual e o verbal a aprendizagem pode oferecer um ganho significativo ao aluno, mostrando ser mais eficaz que o tradicional método do slide usado em estúdio. Com o convívio e a interação com imagens e sons é cada vez mais comum, é importante ressaltar que a mudança na educação deve ser considerada, pois abre espaço para a utilização de todas as linguagens. Na EaD, o vídeo é apresentado como uma super ferramenta que ajuda a compreender e enriquecer todos os outros materiais ofertados. Porém para que sua utilização seja plana, é necessária a medição pedagógica, envolver os profissionais e capacitar o professor.

Muito embora a concepção do vídeo precisa ser entendida que existem formatos e gêneros. Para Bonasio (2002, p.34), “a televisão deve ser feita não só por instinto, e sim com conhecimento, talento e responsabilidade”. Para ele, além dos equipamentos é primordial conhecer as técnicas desenvolvidas por profissionais que dedicaram a vida à televisão por meio de suas experiências.

Uma boa ideia sozinha não é a garantia de comunicação de massa efetiva. É preciso saber como moldar uma ideia para encaixá-la em requerimentos técnicos e estéticos da mídia televisão. Esse processo de modelagem, conhecido como codificar, pressupõe um conhecimento profundo de ferramentas de produção como câmeras, lentes, iluminação, áudio etc. E também da estética aplicada como enquadramento correto de tomadas, usos específicos da cor, foco seletivo, uso da música, etc.(BONASIO, 2002, p. 35).

Já para Penteadó (2001), a prática pedagógica mediada pelos recursos tecnológicos redefine o processo de ensinar e aprender.

Críticas do uso das mídias audiovisuais no contexto de ensino aprendizagem advêm do fato desses sistemas de comunicação estimularem mais a percepção do que os mecanismos cognitivos de reflexão e análise. A lente da câmera com seus focos e desfocues, seus múltiplos planos, une-se a estratégias de edição e

efeitos digitais e consegue dar à linguagem verbal vida e movimento, com isso, dinamiza, ilustra, completa e satura aquilo que na leitura ficava apenas a cargo da imaginação de cada um. A produção de vídeos didáticos há a tendência em se reforçar a informação visual e verbal, conferindo-lhes redundância suficiente para a compreensão e assimilação. (PENTEADO, 2001, p. 155, 157 e 159).

A educação se usar as referências de televisão, cinema ou fotografia, deve entender que se ela for realizada, deve ser elaborada por meio e som e imagem. É preciso entender o meio que ela irá se propagar. É preciso saber todo o processo para a construção de materiais audiovisuais. O formato tele aula também serve aos programas de informação. Tem um custo baixo se for bem empregado e de maneira correta. Pode ser um cenário simples, ou uma grande estrutura. Que seja apenas uma sala de aula, com produções mais ou menos criativas, mas é preciso acima de tudo entender televisão. O gênero educativo apresenta diversos formatos que podem ser úteis, além de informar e educar ao mesmo tempo.

Concluimos que o termo formato é nomenclatura própria do meio para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria. Ao gênero de um programa associa-se diretamente um formato. No caso de programa de TV, a forma é a característica que define o gênero. (AROUNCHI, 2004, p. 46 e 47)

De fato, não há um padrão pelo qual a EaD se apropria melhor ao vídeo. O que é preciso entender que o que é mostrado ao aluno deve ser muito mais bem preparado e elaborado. Creio que as aulas devem ser mais práticas. É preciso entender que a nova linguagem se encaixa e molda com as tecnologias que vão surgindo. Existem possibilidades de se fazer diferente e melhor, mas assim mesmo, existem restrições e soluções. Para Gerbase (2006, p.5), não é fácil produzir uma peça audiovisual para uma aula sobre um determinado tema. “O nosso desafio é produzir em escala, para dezenas de aulas, com dezenas de temas diferentes, e o mais importante, produzir com custos economicamente viáveis.”

Imagina-se que o professor entende apenas do domínio da aula. O conteúdo é ele quem vai ministrar aos alunos. A equipe técnica de produção vai subsidiar o professor com infinitas possibilidades de encontrar uma melhor maneira de mostrar esse conteúdo visualmente. O professor ao ver o roteiro que será entregue a ele, o mesmo terá condições de dizer se é possível ilustrar aquilo e de que forma poderá ser utilizado.

Uma vez aprovado, a produção irá elaborar o material e o professor posteriormente irá verificar como encaixar aquilo dentro da sua disciplina. Se tratando de vídeo, sabemos que existem várias maneiras de visualizar um conceito. O tradicional uso de slide, uma entrevista, uma reportagem, uma aula falada, cobertura do áudio do professor com imagens captadas para os fins. Ilustração com animações ou artes, fotos e outras imagens. Até mesmo texto animado.

Seja qual for o formato, se for tele aula, videoaula, qual quer seja o produto, se tratando de vídeo, o que vale é a dinâmica que a imagem proporciona. A convergência das mídias é que está determinando o que queremos ver e ouvir. O quanto é válido uma aula bem produzida, ilustrada visualmente do que um material fechado apenas em texto. Olha quanta diferença. É preciso quer sempre ofertar um material cada vez melhor. É uma busca contínua de novas linguagens, novas tecnologias que se mostrem harmoniosos no processo de aprendizagem.

Lutar para criar e produzir produtos audiovisuais que usem plenamente a linguagem audiovisual, fugindo do esquema expositivo/sala de aula e procurando uma estética narrativa/mundo. Estes produtos não vão substituir o professor, e sim apoiá-lo decisivamente no processo de Educação à Distância, proporcionando exemplos do mundo “lá de fora”, enriquecendo visualmente os conteúdos, fornecendo imagens e sons capazes de tornar a aula muito mais interessante. (GERBASE, 2006, p.5)

Portanto, muitos materiais convencionais encontrados nas plataformas que oferecem um material riquíssimo de videoaulas ou tele aulas, apontam a necessidade de análises que contribuam para o avanço técnico e educacional nos processos de desenvolvimento e elaboração de material. Não se pode achar que uma simples aula de meio ambiente com um professor falando e fotos podem ilustrar mais que uma aula gravada no local imediato onde pode estar ocorrendo um problema ambiental. É claro que o segundo modelo é muito mais atraente, porém, é muito mais difícil pra ser produzido.

Será que simplesmente disponibilizarmos uma palestra online ou filmarmos uma aula presencial de um professor é a melhor forma de contribuirmos para a democratização do acesso ao conhecimento? Não deveríamos levar em conta a linguagem audiovisual e o interlocutor virtual na montagem desta aula, de modo a torná-la mais efetiva e atraente? (MAZZEU, 2013, p.14)

Para que tele aula ou videoaula tenham qualidade é preciso que a universidade invista na capacitação da equipe docente, na produção e em tecnologia audiovisual. Além do mais, todos do grupo acadêmico que estão envolvidos no projeto estejam motivados para propor mudanças e inovações na concepção pedagógica do processo. Seja no vídeo, no livro didático, na plataforma, na sala de aula, na tutoria, no suporte. É preciso que todos os envolvidos no processo estejam engajados na mesma missão

Deste modo, voltemos aos referenciais do MEC que abriu este estudo. Se conseguirmos atender a todos os problemas apontados e elaborar um material de extrema qualidade;

- ser estruturados em linguagem dialógica, de modo a promover autonomia do estudante desenvolvendo sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento:

- detalhar que competências cognitivas, habilidades e atitudes o estudante deverá alcançar o fim de cada unidade, módulo, disciplina, oferecendo-lhe

Desta forma, esperamos que esses produtos audiovisuais funcionem como parte integrante dos materiais didáticos na EaD, podendo até serem usados como conteúdo principal em cursos desta modalidade. A educação a distância está se transformando. É preciso se transformar com ela. É preciso como no vídeo, dinamizar e ilustrar. Ser mais atraente e envolvente. É preciso falar mais que palavras, é preciso movimento.

É necessário chamar a atenção das IES, que oferecem tal mídia, da importância do investimento na capacitação docente nessa área, que envolve a sua habilidade de lidar com câmeras, suas dinâmicas em estúdio e sua participação no processo de construção do audiovisual, cujo desafio é integrar essa prática diretamente ao desempenho didático de sua área de conhecimento. Para se ter educação a distância de qualidade é preciso ter um bom professor. Um educador não só munido de bagagem teórica, mas também atualizado com o avanço das TICs, suscetível e aberto às mudanças no ensino e aos novos desafios. (SILVA, 2011, p.8)

## **METODOLOGIA**

A maneira encontrada para desenvolver o trabalho, foi a experiência vivida pelo pesquisador que diariamente está ligado diretamente à produção de vídeos para a EaD.

Esse vídeo nas bibliografias estudadas pode ser encontrado com as nomenclaturas de tele aula, videoaula e em alguns casos como web aula. Fica claro que de formas diferentes, cada um na sua formatação, tem a mesma finalidade. Os vídeos são ferramentas que podem potencializar o acesso a informação tanto do educador como do estudante, ampliando a formação pelo estímulo à prática de interação, colaboração e autonomia. Sendo assim, podemos destacar que as TICs passam ser consideradas essenciais para o conhecimento e ensino-aprendizagem.

De forma qualitativa, a pesquisa se baseia na produção do vídeo como ferramenta de aprendizagem e no processo de desenvolvimento destaca-se os erros e acertos. De forma subjetiva, a partir das experiências diárias, organiza-se o conhecimento. Ele se baseia na forma como observo o processo desenvolvido, destaco reuniões com maior frequência entre os envolvidos para produção das aulas por meio do vídeo, principalmente com participação massiva do professor, elemento fundamental para a realização das aulas, e parte acadêmica, aqui, tanto os profissionais do projeto acadêmico que vão ajudar na orientação dos trabalhos ao professor, quanto à equipe técnica do estúdio de TV, que irá munir o professor de informações com projetos práticos televisivos para untar a aula, ou ajudar na elaboração de outros processos para dinamizar as aulas.

Portanto, a pesquisa passa ser de campo, pois observados os fatos, a realidade apresentada na universidade estudada, precisa ser melhor analisada pois o cotidiano em certos momentos deixa brechas para a produção de forma equivocada, o que

pode criar problemas com o material elaborado. Deste modo, origina uma pesquisa-ação, onde o contato direto envolve a coleta de dados de forma participativa. Pois nas reuniões em que o pesquisador participou, procurou-se sempre dar o parecer, ideias e soluções para melhor desenvolver os produtos em harmonia com os demais departamentos.

Para chegar a esse estudo, buscou-se auxílio também em bibliografias e encontrei em alguns artigos modelos existentes na universidade em estudo e observei que os modelos praticados são parecidos como o desenvolvimento do projeto pedagógico e a produção das aulas. Observando que, se nos outros estudos a busca de melhores trabalhos também são evidentes fica claro que o tradicional modelo, onde o professor lê o conteúdo da aula em slides, como vocês irão observar nesta pesquisa, fica claro que é um modelo que precisa ser revisto e melhor qualificado.

A partir das análises dos textos lidos, do conhecimento empírico da presente pesquisa e na observação de vários modelos, identifica-se que o formato do vídeo gravado além de não permitir uma interação, já que é um vídeo não oferece recurso interativo, identifica-se que não é o melhor formato a ser usado na graduação e que temos que buscar soluções para fazer com que a aula seja mais visual e conseguir chegar mais próxima à área de estudo do aluno, que ela precisa ser de forma mais ilustrativa e interessante, e que de forma educativa, ela precisa ter o objetivo de potencializar a aprendizagem e favorecer a construção do conhecimento dentro do conceito de ensino-aprendizagem. Desta forma, chega-se ao fim desta pesquisa, muito embora não tenha esgotado o tema, as primeiras análises de um produto que é muito importante para a educação à distância, que é a ferramenta vídeo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a leitura e nos textos encontrados é fato. O vídeo como ferramenta para ajudar na construção do conhecimento é primordial no ensino-aprendizagem. Neste termo, a concepção do vídeo não pode ser somente uma transmissão de conteúdo. As aulas precisam ser mais e melhores produzidas com vários recursos visuais. Temos vários exemplos que podem ser migrados da televisão para a tele aula ou videoaula, pois imagem e som são recursos audiovisuais que enriquecem qualquer material visual. Mas é importante fazer uma ressalva. Os modelos encontrados hoje são ultrapassados e não possuem interação. Ou seja, o aluno assiste a tele aula, mas a interação dele somente ocorre por meio da plataforma. Sem falar que muito conteúdo já está defasado.

Na EaD, o vídeo é apresentado como ferramenta facilitadora da compreensão, leitura crítica da informação, na qual a problematização esteja presente. Provoca debates, sensibiliza, ilustra, complementa informações, levanta sugestões dos alunos e dinamiza as aulas. (SILVA, 2011, p.3)

Portanto, o vídeo como fonte educativa, requer algumas habilidades e investimentos, tanto de equipe como de equipamentos. Os processos educativos devem estar inseridos de forma inteligente com a linguagem audiovisual, pois os assuntos abordados na aula devem compreender o material pedagógico para que um agregue ao outro e não sejam apenas replicadores de informação. Não podemos simplesmente achar o que produzimos está bom. É preciso querer melhorar sempre. É importante que haja qualificação para os envolvidos. Precisa ainda abrir novos caminhos para uma educação mais eficiente e atraente.

A questão fundamental aqui é que há uma proximidade inerente da modalidade de educação à distância com as diferentes tecnologias de informação e comunicação. Afinal, se ensinar e aprender em diferentes espaços e tempos dependem fundamentalmente de uma interface e ao mesmo tempo, estas novas ferramentas de comunicação criam exatamente estratégias para esse diálogo, parece natural esta relação direta e o desenvolvimento de sua linguagem específica. (MONTANARO, 2013 p.19)

Em outras palavras, as aulas gravadas no estúdio precisam se adaptar ao meio em que são transmitidas. Se como base o método utilizado é tele aula ou videoaula na universidade pesquisada e produzida com concepções televisivas, essas aulas devem ter e possuir as mesmas linguagens encontradas na televisão. Com isso, teremos um material muito mais rico e atraente visualmente. Portanto, a definição de um formato de vídeo está diretamente ligada à capacidade de produção deste vídeo e ao modelo de transmissão.

Por outro lado, a universidade precisa ter consciência de qualificar o quadro de docentes, equipe pedagógica e técnica. Já que existe a necessidade de melhorar a qualidade da aula, é preciso investir e conscientizar o professor de que ele como papel fundamental na preparação de todo o material inclusive na gravação das aulas, tem que se adaptar ao formato. É muito comum os professores terem as experiências da sala de aula que dificilmente será aplicada ao estúdio.

O professor não poderá se mover muito, não tem o retorno do aluno e muito pouca interação. Portanto, é preciso investir na qualificação do professor. Em relação a equipe pedagógica é necessário que todos tenham condições plenas de articular com o professor os processos de produção, de modo que haja planejamento e tempo para o preparo do projeto.

Já a equipe técnica além de atualização devido a transformações tecnológicas, precisa estar mais atenta com as mudanças nos projetos pedagógicos propostos pela universidade de modo que a produção televisiva seja apropriada, pois, em muitos casos, acontecem novos cursos, novas disciplinas e o estúdio sem o preparo adequado acomoda-se com a situação existente e não consegue propor novas transformações. É preciso que a universidade invista em equipamentos para atender as altas demandas e para oferecer melhores aulas já que tem se a ideia de levar as aulas para gravações externas e hoje encontramos dificuldades para a elaboração de novos modelos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente não é vontade esgotar aqui o assunto, pois há ainda muito pano pra manga. É evidente que qualquer pesquisa que analisa um fato, propõe mudanças, pois encontra problemas. Como vimos as aulas gravadas como referências para material pedagógico apresentam falhas, pois como visto por diversos autores, o modelo adotado pela universidade estudada, é considerado ultrapassado. Não que ele seja certo ou errado como já mencionado, mas na busca de qualificar o material é necessário que haja planejamento e condições para desenvolver melhorias.

É preciso investir nos equipamentos do estúdio TV, oferecer melhores ferramentas para que as aulas sejam melhores produzidas. É preciso capacitar equipe técnica e pedagógica dando melhores suportes, condições e aperfeiçoamento. É preciso também investir no professor, personagem principal no elemento no ensino-aprendizagem. Dar-lhe condições e tempo de preparar o material e subsídios para ajudá-lo na gravação, pois essa não é área dele. E qualquer dificuldade que ele tiver, ele por meio da sua feição, fala e gestos irão passar isso no vídeo, e o aluno que está do outro lado, irá sentir a insegurança do professor frente às câmeras.

Portanto, é necessário planejamento, tempo e condições melhores em todos os aspectos e em todos os departamentos para garantir uma melhora em todos os quesitos. Isto é, participação, cooperação de todos os envolvidos desde a diretoria que atende aos anseios da universidade até os polos que interligam o aluno ao curso que ele escolheu pra fazer e seguir assim como uma carreira. Afinal, mais do que um profissional, a universidade forma cidadão consciente e participativo. E esse é a missão da universidade estudada, formar um ser humano melhor. E para isso, precisa antes de tudo rever os próprios conceitos. Sendo assim, espero que esse trabalho sirva de referência para a elaboração de outros estudos e na ajuda de rever processos e sistemas já adotados por outras instituições.

Podem se encontrar vários benefícios com melhores ferramentas ofertadas. Aulas mais atraentes, alunos motivados, professores capacitados, profissionais inovadores, que pensam e desenvolvem em cima de novos desafios. Portanto, é preciso que a universidade invista em produção, em estrutura e em pesquisa. Não basta apenas querer inovar com tecnologia porque é necessário. É preciso investir porque existe necessidade de ser feito.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Marina. **Metodologia Científica**. Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo, 2014.

BONASIO, Valter. **Televisão: Manual de Produção & Direção**. Editora Leitura, 2002

CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva. **A Linguagem Telejornalística no Ensino a Distância: Um Estudo de Mídia-Educação**, 2009

CHAVES, Eduardo. **Tecnologia na Educação: Conceitos Básicos**, 1999. Disponível em <[http://www.ppe.vem.br/dissertacoes/2009\\_luis\\_claudio.pdf](http://www.ppe.vem.br/dissertacoes/2009_luis_claudio.pdf)>

COSTA, Celso José. Modelos de Educação Superior a Distância e Implementação da Universidade Aberta no Brasil. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 15, n. 2, 2007.

GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD). **Revista Logos** 24: cinema, imagens e imaginário. Ano 13, 1º semestre, 2006.

JÚNIOR, Arlindo Fernando Paiva de Carvalho. **Educação a Distância: Uma Análise dos Modelos de Ensino**. p. 1-9, 2013.

MARTINS, Dyêgo Marinho. ET. AL. Vídeos Educativos no Ensino Superior: O Uso de Videoaulas na Plataforma Moodle. **Revista Paidéi@**. Unimes Virtua, v. 5, n. 9, 2014. Disponível em <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br> acessado em Outubro 2015.

MAZZEU, Ian Rittmeister. **Produção de Videoaulas para EaD: Contribuições para o Diálogo com os Educando**, 2012.

MINIDICIONÁRIO Aurélio, Nova Fronteira, 1977.

MONTANARO, P. R., **A Caracterização da Produção de Materiais Didático-Educativos Audiovisuais para Educação Superior a Distância na UFSCar**, 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

MOORE, M.; KERASLEY, G. **Educação a Distância: Uma Visão Integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, J. M. **Modelo e Avaliação no Ensino Superior a Distância no Brasil**. Disponível em <<http://www.>> Acesso em: Setembro 2015

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PENTEADO, Heloisa Dupas (org) **Pedagogia da Comunicação: Teorias e Práticas**. São Paulo. Cortez, 2001.

SILVA, Patricia Rodrigues. **A Importância da Capacitação do Professor na Apresentação das Teleaulas e Utilização na Produção Audiovisual em EaD**. 2011

SILVA, Patricia Rodrigues. **Videoaula Objetivas e com Exemplos Práticos são Preferência de Alunos**. Disponível em <[HTTP://cloud-ead.programmers.com.br/blog/videoaulas-objetivas-e-com-exemplos-praticos-sao-preferencia-de-alunos/](http://cloud-ead.programmers.com.br/blog/videoaulas-objetivas-e-com-exemplos-praticos-sao-preferencia-de-alunos/)>. Acessado em Setembro 2015.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

<http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw/>

<http://cloud-ead.programmers.com.br/blog/tag/teleaula/>

<http://cloud-ead.programmers.com.br/qual-a-diferenca-entre-teleaula-videoaula-e-webaula/>

<http://educacao.globo.com/telecurso/>

<http://globo.com/fundacao-roberto-marinho/telecurso-tec/v/modulo-basico-pesquisa-de-mercado-programa-13/1246678/>

<http://idgnow.com.br/blog/edsphere/2015/02/11/videoaula-ajuda-no-aprendizado/>

<http://portal.metodista.br/ead/metodologia/aula-ao-vivo>

<http://portal.mec.gov.br/par/193-secretarias-112877938/seed-educacao-a-distancia-96734370/12777-referenciais-de-qualidade-para-ead, setembro de 2015>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Videoaula>

<http://teleaulaead.com.br/>

<http://teleaulaead.com.br/dicas-teleaula-ead-pesquisa-sobre-teleaula-e-a-performance-do-professor-em-video/>

<http://teleaulaead.com.br/voce-conhece-o-poder-da-videoaula/>

<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/160.pdf>

[http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5862](http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5862)

<http://www.dicionarioinformal.com.br/teleaula/>

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0377.html>

<http://www.portuguesnarede.com/2009/08/video-aula-ou-videoaula.html>

<http://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000205815.pdf>

<https://www.youtube.com/watch?v=Qu3ryMNCEao>

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Andreza Regina Lopes da Silva** - Doutora e Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação a Distância e em Auditoria Empresarial. Graduada em Administração e Pedagogia. Profissional & Self Coaching. Experiência há mais de 15 anos na área de Educação com ênfase em Educação a Distância, mídia do conhecimento, ensino -aprendizagem e desenvolvimento de competências. Das diferentes atividades desenvolvidas destaca-se uma atuação por resultado, como: coach e mentora acadêmica, professora, palestrante, pesquisadora, avaliadora de artigos e projetos, designer educacional e consultora EaD. Como consultora atuou com projetos de segmento público e privado a partir de diferentes parcerias, como: IESDE, UFSC; CEDERJ; Cerfead/IFSC; IMAP e Delinea Tecnologia Educacional. Autora de livros e artigos científicos. Avaliadora de artigos científicos e projetos pelo MINC. Fundadora do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico Andreza Lopes (IPDAAL).

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-258-6

